

Marx e a História em Ruy Fausto

Carlos Prado *

Resumo: O objetivo desse artigo é expor as considerações de Fausto sobre a problemática da história em Marx. Fausto escreve em sua *Lógica e política* importantes considerações sobre o tema, afirmando que Marx não deixou uma filosofia da história, tampouco uma teoria da história, mas apenas uma apresentação da história. Na qual Fausto identifica três modelos: História da liberdade; História da riqueza e História da satisfação.

Palavras-chave: História; Dialética, modelos.

Abstract: The aim of this article is to expose Fausto's considerations around the problem of history in Marx. Fausto writes in his *Logic and Politic* important considerations around this problem, affirming that Marx hasn't left a philosophy of the history, neither a theory of the history, but simply a exposition of the history. In which Fausto identify three patterns: History of the freedom; History of the wealth and History of the satisfaction.

Key words: History; Dialectic, patterns.



* CARLOS PRADO é Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, (UNIOESTE).

A extensa obra de Marx é caracterizada por muitas referências a História, seja em seus textos políticos, históricos, filosóficos ou econômicos. São muitas as razões que levam Marx a recorrer constantemente à história em seus escritos. Se os economistas clássicos compreendiam a sociedade capitalista como resultado de um desenvolvimento natural e dado, Marx, ao contrário, buscava determinar historicamente a sociedade dominada pelo capital. A análise e descrição da formação e evolução histórica do capitalismo é uma característica marcante em suas obras, assim como a determinação das formações econômicas não-capitalistas. As concepções em torno da história nos escritos de Marx têm o objetivo de determinar o presente, ou seja, de compreender a sociedade dominada pela mercadoria.

Todavia, em nenhuma obra específica, ele desenvolveu de maneira sistemática as suas concepções sobre a história. As referências a história são permanentes, no entanto, elas aparecem de maneira pouco elaborada, apenas em breves passagens, nas quais não é o tema central dos seus escritos e, portanto, carecem de um desenvolvimento minucioso.

O conceito de história em Marx traz vários questionamentos importantes, no qual o confronto com as concepções da filosofia da história de Hegel é fundamental. Muito se questiona sobre uma ruptura ou não entre as concepções



da história em Marx com as concepções racionalistas da filosofia da história hegeliana. A partir desse confronto, surgem questões acerca do fundamento da história, do papel do desenvolvimento das forças produtivas e da luta de classes, da liberdade e do papel dos homens enquanto sujeito histórico, das noções de progresso, continuidade e

ruptura histórica, do determinismo e indeterminismo, etc.

A ausência de um texto que trate propriamente sobre o tema da história é uma das razões que proporcionam uma grande diversidade de interpretações sobre essa problemática. Uma análise da bibliografia sobre o tema revela uma grande variedade de interpretações sobre essa questão. Inúmeros são os autores que já trabalharam com essa problemática, buscando analisar e compreender a relação entre Marx e a história, buscando desenvolver uma possível filosofia da história em Marx, como é o caso de Castoriadis¹, ou uma teoria marxista da história, como em Benoit², Lefort³ ou Giannotti⁴.

¹ Ver: CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 6 ed. São Paulo: Paz e terra, 2007.

² Ver: BENOIT, Hector. A luta de classes como fundamento da história. In: Caio Navarro de Toledo (Org.) *Ensaio sobre o manifesto comunista*. São Paulo: Xamã, 1998, p. 45 – 69.

³ LEFORT, Claude. *As formas da história*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

⁴ Ver: GIANNOTTI, José A. *Trabalho e reflexão: Ensaio para uma dialética da*

Divergindo de todos esses autores, Ruy Fausto em *A apresentação marxista da história: modelos*, afirma que não é possível encontrar uma filosofia da história e tampouco uma teoria da história em Marx, mas apenas considerações sobre a história, e por isso, ele utiliza o termo “apresentação da história”. De acordo com Fausto, a história aparece como um pressuposto na obra de Marx, pois não seria o objeto central de sua investigação. Nessa perspectiva, a teoria crítica da Economia Política precede as considerações que Marx desenvolve sobre a história, e é dela que emerge uma apresentação da história. Com efeito, o autor não apenas afirma que não existe uma sólida teoria marxiana da história, como também acrescenta que: “Marx não deixou apenas uma versão da sua apresentação da história”. (2002, p. 91).

Fausto considera que a obra de Marx não traz uma única consideração sobre a história, pelo contrário, afirma que sua apresentação da história foi se desenvolvendo, se alterando de maneira considerável de uma obra para outra. Acrescenta Fausto (2002, p. 91) que: “As diferenças entre os modelos são significativas quanto ao sentido que se dá à história, e à lógica em que se articula o conjunto do processo histórico.” Tais diferenças não estariam presentes apenas no plano da forma, mas também no plano do conteúdo.

Fausto identifica e investiga três grandes modelos de apresentação da história em Marx, são eles; 1) o do *Manifesto comunista* e da *Ideologia alemã*. 2) o dos *Grundrisse* e de *O Capital*; 3) o do *Manuscritos de 1844*.⁵

sociabilidade. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

⁵ “Cada um desses modelos, no interior dos quais há variantes, tem uma lógica própria, que

De acordo com Fausto, pode-se distinguir em Marx noções de história, que são chamadas de meta-suposições e noções como as de liberdade, propriedade, riqueza e satisfação, que são chamadas de pressuposições. As meta-suposições articulam um movimento de quase-totalização retilíneo, enquanto que as pressuposições remetem a um movimento de quase-totalização circular.

História da Liberdade

Em sua exposição, Fausto afirma que o modelo de história presente em o *Manifesto comunista* e na *Ideologia alemã* é o modelo da história da liberdade. A apresentação da história nessas obras aparece como um processo em que a negação está ausente, predominando uma continuidade e uma lógica não dialética. Fausto destaca que “não há no *Manifesto* processo de constituição das meta-suposições. Não há passagem da pré-história à história, de uma pré-sociedade à Sociedade, de um homem à um Homem etc. Há apenas e sempre: história, homem, sociedade.” (2002, p. 93). Estas considerações sobre o *Manifesto* são estendidas à *Ideologia alemã*.

Este modelo de apresentação da história estaria próximo de um historicismo e aquém da dialética tão característica da obra de Marx. Isso resulta da ausência de um processo de constituição das meta-suposições e da recusa a toda universalidade que acaba estabelecendo uma continuidade. Os conceitos de história, sociedade, homem e etc., são postos e permanecem idênticos e homogêneos, não ocorrendo uma distinção, uma negação, mas uma

articula uma idéia de história, um conceito de ideologia, uma concepção de universalidade, uma relação com o tempo, uma versão do sentido do progresso.” (FAUSTO, 2002, p. 92).

identidade entre os conceitos da sociedade “até aqui” e da “sociedade futura”. E acrescenta Fausto que: “Se das meta-suposições passarmos às suposições, também não encontraremos a descontinuidade dialética.” (2002, p. 93).

No *Manifesto* e na *Ideologia Alemã*, a liberdade e a propriedade não existem em forma geral, universal, mas apenas na forma da liberdade burguesa e da propriedade burguesa. Isso quer dizer que elas existem apenas para alguns. Por conseguinte, no *Manifesto* a revolução é contra a propriedade burguesa, não contra a propriedade em geral. A propriedade burguesa aparece como sendo a “última”, justificando que não poderá haver outra forma de exploração baseada na oposição de classe. Assim, a história da exploração se esgotaria com a revolução proletária. Fausto (2002, p. 98) afirma que: “Do esgotamento da exploração, e pela luta contra o que representa a *última* forma desta, surgiria assim uma sociedade da *liberdade*”.

Na *Ideologia alemã*, a discussão central gira em torno da divisão da força do trabalho que produz um progresso contraditório. Na medida em que se aumenta a riqueza material se produz uma regressão da liberdade, devido ao desligamento dos indivíduos à comunidade. Esse esquema contraditório progresso-regressão também se encontra no *Manifesto*. E ambas as obras afirmam que a sociedade burguesa produz por suas próprias contradições um processo revolucionário liderado pelo proletariado.

Segundo Fausto, o modelo de apresentação da história presente no *Manifesto comunista* e na *Ideologia Alemã* “fica aquém de uma rigorosa apresentação dialética” (2002, p. 94).

Pois, o processo revolucionário não totaliza, mas aparece como sendo o final de uma série. A revolução comunista aparece como o fechamento e continuidade de um processo, que diante da ausência da negação dialética não apresenta uma descontinuidade. Acrescenta Fausto que: “A ausência de um verdadeiro discurso pressuposto tem paradoxalmente como consequência a introdução de uma espécie de contínuo e, até certo ponto, mesmo de um finalismo na história.” (2002, p. 108).

Assim, a história aparece nessas obras de maneira homogeneia e contínua. A ausência da constituição das meta-suposições e de uma descontinuidade dialética, introduz um finalismo histórico, mera sucessão de formas, na qual o comunismo aparece como o ponto de chegada inevitável.

História da riqueza

Ao contrário do modelo da história da liberdade, apresentado em o *Manifesto* e na *Ideologia Alemã*, em *O Capital* e nos *Grundrisse*, surge um modelo que Fausto chama de história da riqueza, no qual as meta-suposições são efetivamente postas. Nessas obras o discurso marxiano é dialético e negativo, no qual a noção de continuidade dá lugar à noção de descontinuidade. Fausto (2002, p. 110) deixa claro que “As meta-suposições são objeto de um processo de constituição. Isso significa que o comunismo representa a posição do homem (em oposição à sua suposição) e a posição da História (em oposição à pré-história); o comunismo *põe* também a sociedade.”

Por conseguinte, encontramos nessas obras um esquema retilíneo de quase-totalização da história, que se apresenta elaborado enquanto suposição. Por sua vez, as suposições de liberdade,

propriedade, riqueza e satisfação aparecem integradas a um esquema circular. Tais pressuposições aparecem postas de forma limitada no pré-capitalismo, posteriormente são negadas na sociedade capitalista e, por fim, são repostas de forma infinita e não positiva na sociedade comunista. As pressuposições se mostram como negativas e são construídas em um sistema circular pela dualidade entre matéria e forma.

Em *O Capital* e nos *Grundrisse*, não é mais o conceito de liberdade ou de divisão do trabalho que aparece como o cerne do desenvolvimento do discurso, mas o próprio conceito de capital. A crítica a economia política desenvolvida por Marx no período posterior à elaboração do *Manifesto* teria sido fundamental para esse desenvolvimento teórico.

Fausto desenvolve um silogismo dialético para determinar as diferenças entre as considerações sobre a história da liberdade e a história da riqueza. São apresentados três silogismos a partir da leitura de *O Capital* e dos *Grundrisse*. O primeiro sobre a manufatura, o segundo sobre a grande indústria e por fim, sobre a pós-indústria (baseado em passagens dos *Grundrisse*). O silogismo dialético geral do capitalismo baseado na manufatura e na grande indústria evidencia que sob o modo de produção burguês a figura do trabalhador é suprimida como sujeito do processo de trabalho, tornando-se mero apêndice da máquina. O fetiche da mercadoria, do dinheiro e do capital domina o processo, enquanto que o trabalhador, por sua vez, torna-se dominado e submisso as determinações econômicas.

A exposição dialética de *O Capital* e dos *Grundrisse* destaca que o capitalismo é uma formação que totaliza

o processo histórico e torna possível a compreensão de toda a história. Fausto destaca que para Marx o capitalismo é a transição da pré-história para a história. Mas diferentemente do que se apresenta no *Manifesto* e na *Ideologia alemã*, aqui não se trata de uma transição no sentido de continuidade, mas no sentido de ruptura.

Entre o capitalismo e o comunismo se instala uma descontinuidade na medida em que o capitalismo oferece apenas os pressupostos para o comunismo (o máximo desenvolvimento das forças produtivas). A descontinuidade é determinada pela transformação do conceito, não se trata da transformação de uma história para outra história, mas da transição da pré-história para a história propriamente dita, dirigida de forma consciente e planejada pelos homens.⁶

Não obstante, Fausto ainda destaca que a noção de finalismo histórico presente no *Manifesto* e na *Ideologia alemã* continuam presentes em *O Capital* e nos *Grundrisse*, ainda que esse finalismo apareça de uma forma diferente. Segundo Fausto (2002, p. 142), Marx tenta desviar-se de uma concepção finalista. Diz ele: “Tudo se passa como se Marx se esforçasse para evitar todo finalismo da história global, sem que entretanto o consiga.” E acrescenta: “Passa-se do que seria um finalismo

⁶ “(...) sobre o caráter da passagem ao comunismo. Nos *Grundrisse* como em *O Capital*, Marx a concebe em descontinuidade: mesmo considerado na sua forma última, o modo de produção capitalista só fornece pressuposições ou condições para a passagem. Isto é válido em geral, no plano da posição, para todas as passagens de um modo de produção a outro. Porém neste caso, também no discurso pressuposto, que representa em geral o plano da continuidade, tem-se uma espécie de descontinuidade, porque se passa da pré-história à história.” (FAUSTO, 2002, p. 141).

interno (em termos kantianos) da história global, a um esquema em que o finalismo não é a rigor nem interno nem externo.” (2002, p. 143). Com a noção de “fim imanente” a finalidade de cada modo de produção parece ser a de produzir as bases para outro modo, finalidade que só se realiza, portanto, pela morte da forma anterior. Nesse sentido, se evidencia um esquema finalista no qual o processo de vida de cada modo de produção é ao mesmo tempo o seu processo de morte.

Segundo Fausto (2002, p. 152) esse segundo modelo de apresentação da história se caracteriza, sobretudo na leitura dos *Grundrisse*, pela “(...) lógica da história marcada pela matriz do *hegelianismo*, investida entretanto, numa perspectiva que, a exemplo da *Ideologia* e o *Manifesto*, é uma perspectiva prometeana de dominação da natureza pelo homem”. Portanto, evidencia Fausto que esse modelo de apresentação da história, herdeiro de Hegel, apesar de elaborado sob uma lógica dialética negativa, na qual a descontinuidade é bem demarcada, ainda assim evidencia um finalismo histórico e ‘promete’ que com o fim da pré-história o homem dominará a natureza de maneira livre e consciente.

História da satisfação

Fausto apresenta o terceiro modelo de apresentação da história, presente nos *Manuscritos de 1844* como sendo a história da satisfação. Nessa obra “A história é representada como pré-história, história do nascimento ou história natural do homem” (FAUSTO, 2002, p. 152). A história natural do homem aparece como a história universal do engendramento do homem pelo trabalho humano. Trata-se da constituição do homem não apenas pela humanização da natureza, mas também pelo movimento inverso, pela

humanização do natural. Não é apenas o homem que se constitui, mas também a natureza.

Segundo Fausto (2002, p. 154-155) o traço característico dos *Manuscritos de 1844* é que “a natureza é o corpo inorgânico do homem (...) o caráter não é apenas humano mas também naturalista”. O homem vive da natureza, e ela aparece como o seu corpo, por conseguinte o homem é parte da natureza. Nessa história do homem e da natureza, humanismo e naturalismo se desenvolvem lado a lado. Diferentemente dos textos de Marx anteriormente analisados, nos *Manuscritos de 1844*, afirma Fausto (2002, p. 154) que “Não temos aqui o elemento *prometeano*”. Nessa obra, o desenvolvimento histórico não vai na direção de uma dominação da natureza pelo homem, mas de uma conciliação do homem com a natureza.

Nos *Manuscritos* temos por um lado, a constituição das meta-suposições do homem e da natureza e, por outro lado, a constituição da suposição da satisfação. Acrescenta Fausto (2002, p. 157) que “a história nos *Manuscritos* é história da constituição da satisfação e do gozo”. A história é chamada por Fausto de história da satisfação, justamente porque é o universo do gozo o ponto de chegada. O processo histórico não parece caminhar para a liberdade ou para a riqueza, mas sim para a satisfação através da educação da sensibilidade. Assim, o socialismo aparece nessa obra como o reino do infinito gozo, o momento da satisfação e da constituição tanto do homem como da natureza.

A problemática em torno da história em Marx é muito complexa e acumula uma série de interpretações diferentes. A análise de Fausto é importante e traz uma nova abordagem sobre a teoria

marxista da história. Nosso objetivo nesse breve artigo foi de apenas expor de maneira direta as considerações de Fausto sobre a história em Marx. Seus estudos afirmam que não encontramos em Marx, uma filosofia da história, tampouco uma teoria da história, mas apenas considerações sobre a história, uma apresentação. Que por sua vez, não é constante ou imutável, mas variável de acordo com as obras analisadas.

Referências

BENOIT, Hector. A luta de classes como fundamento da história. In: Caio Navarro de Toledo (Org.) *Ensaio sobre o manifesto comunista*. São Paulo: Xamã, 1998, p. 45 – 69.

FAUSTO, Ruy. *Marx: Lógica e Política*. Tomo III. São Paulo: Editora 34, 2002.

GIANNOTTI, José A. *Trabalho e reflexão: Ensaio para uma dialética da sociabilidade*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LEFORT, Claude. *As formas da história*. Tradução de Rubens Enderle, Nêlio Schneider e Luciano Martorano. São Paulo: Brasiliense, 1979.

MARX, Karl. *A ideologia alemã*. Tradução de Luiz Roberto Fortes e Marilena Chauí. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Tradução de Régis Barbosa e Flávio R. Kothe. Vol. I, Tomo I. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Tradução de Régis Barbosa e Flávio R. Kothe. Vol. I, Tomo 2. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

_____. *O manifesto do partido comunista*. Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. *Manuscritos econômicos e filosóficos*. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2006.